

**Do antirracismo local ao antifascismo global:  
A transnacionalização do movimento negro nos EUA entre as duas  
guerras mundiais.<sup>1</sup>**

Matheus Cardoso da Silva<sup>2</sup>

“For by the blood you’ve spilled in France  
You must and will be free,  
So from now on let us advance  
With this: Don’t tread on me!”

Andrea Razafkeriefo, “Don’t tread on me!”. *The Crusader*, Abril de 1919.

**Resumo:** Este artigo tece considerações sobre meu entendimento acerca de um processo gradual de transnacionalização do movimento negro nos EUA durante o período entre o fim da Primeira Guerra Mundial até a eclosão da Guerra Civil espanhola, em 1936. “Transnacionalização” aqui é compreendida como a ampliação dos debates étnicos sobre o racismo e a exclusão da população afrodescendente no país para o engajamento, tanto de intelectuais quanto de movimentos sociais organizados, nos debates internacionais do período. Os seguintes três grandes momentos históricos do século XX serão destacados: a) o retorno dos combatentes da Primeira Guerra Mundial; b) a influência das ideias Pan-africanas, tendo como marco a realização do Congresso Pan-Africanista de 1919 e c) a influência da Revolução Russa de 1917 para a “Questão Negra”. Estes seriam eventos geradores de debates que revelariam que a luta *anti-establishment* da população afro-descendente nos EUA era indissociável da autodeterminação dos povos ao redor do globo. Tal perspectiva se expressou no massivo engajamento do movimento negro nos EUA em prol da defesa da soberania nacional da Etiópia, em 1934, e repetido pouco depois, no apoio dessas mesmas entidades à II República espanhola, em 1936.

**Palavras-chave:** Movimento Negros nos EUA; Primeira Guerra Mundial; Pan-africanismo.

---

<sup>1</sup> Esse artigo é uma reflexão ampliada como resultado da conferência de mesmo nome apresentado na mesa redonda: “Intelectuais em circulação: a esquerda estadunidense e o anti-imperialismo no século XX”, no XIII Encontro Internacional ANPHLAC, organizado pela Associação Nacional dos Pesquisadores em História das Américas – ANPHLAC, realizado na Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG, entre os dias 24 a 27 de julho de 2018. Agradeço aos comentários e sugestões dos participantes daquele evento, assim como aos pareceristas anônimos desta versão ora apresentada em formato de artigo. Todas as sugestões e críticas ajudaram a refinar o texto e sua reflexão, claro, tendo qualquer erro persistido sendo de minha total responsabilidade.

<sup>2</sup> Doutor em História Social, Universidade de São Paulo. Pós-doutorando, Departamento de História, UNESP-Assis, SP, com a pesquisa atual intitulada: “O Left Book Club e seus associados: circulação transnacional das ideias socialistas em rede Atlântica (1935-1948)”. Pesquisa financiada pela FAPESP. Endereço para correspondência: Rua Boa Amizade, 92, casa 4, Jardim Industrial, SBC, SP, CEP 0962030. Home page: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/75275/matheus-cardoso-da-silva/> E-mail: [stardus\\_mat@yahoo.com.br](mailto:stardus_mat@yahoo.com.br).



**From local anti-racism to global anti-fascism:  
The transnationalization of the Black Movement in the USA between the  
two world wars**

**Abstract:** The article aims to consider what I understand as a gradual process of transnationalization of the black movement in the US between the end of the First World War and the outbreak of the Spanish Civil War in 1936. “Transnationalization”, understood as the broadening of ethnic debates about racism and the exclusion of people of African descent in the country to engage both intellectuals and organized social movements in the international debates of the period. Three major historical moments of the twentieth century will be highlighted: a) the return of fighters from World War I; b) the influence of Pan-African ideas, in the framework of the 1919 Pan-Africanist Congress; and c) the influence of the 1917 Russian Revolution on the “Black Question”. At each of these stages and the debates they would generate would indicate that the anti-establishment struggle of the Afro-descendent population in the US was inseparable from the self-determination of peoples around the globe. This perspective would be expressed in the massive engagement of the black movement in the United States for the defense of Ethiopia's national sovereignty in 1934 and repeated shortly thereafter in their support for the Second Spanish Republic in 1936.

**Keywords:** Black movement in the USA; First World War; Pan-Africanism.

**Artigo recebido em:** 29/06/019

**Artigo aprovado para publicação em:** 28/10/2019

## Introdução

No ano de 2019, grandes eventos que marcaram o “breve século XX” completam seus centenários. No mês de fevereiro, foram inteirados os 100 anos da realização do Congresso Pan-Africano de Paris, primeiro grande esforço de organização dos movimentos da diáspora negra em um projeto político unificado de emancipação da população negra. Um mês depois, em março, perfizera-se os 100 anos da fundação da Terceira Internacional Comunista, encabeçada por Vladimir Lênin, no esforço de organização global dos partidos comunistas como mecanismo de expansão dos ideais da Revolução de Outubro de 1917. Já o mês de junho assinala que se passaram 100 anos desde a realização do Tratado de Paz de Versalhes, marco do fim da Primeira Guerra Mundial e do realinhamento geopolítico global a partir do fim da “Era dos Impérios”.



*Revista Eletrônica da ANPHLAC*, ISSN 1679-1061, N° 27, p. 144-184, Ago./, Dez., 2019.

<http://revista.anphlac.org.br>

Finalmente, ainda em junho completou-se 80 anos do fim da Guerra Civil espanhola (1936-1939), o maior conflito intra-europeu no período entre as duas guerras mundiais, evento que também teve um apelo transnacional.

A memória histórica que essas celebrações resgatam, com diversas significações para o contexto político contemporâneo, ganha ainda mais destaque no atual cenário global de reemergência de governos de extrema-direita, trazendo consigo o discurso de ódio e a negação dos direitos civis de diversas minorias.

Devido à relevância de tais eventos históricos para a formação do tempo presente, este artigo tem como objetivo compreender sua inter-relação por meio de pontos de intersecção, a partir do que identificarei ao longo do texto como um processo gradual de transnacionalização do movimento negro nos EUA durante o período entre o fim da Primeira Guerra Mundial até a eclosão da Guerra Civil espanhola, em 1936. Destacarei três momentos-chave que entendo serem os pontos nodais no processo: a) a Revolução de Outubro de 1917, que ajudou a transformar a “questão negra” em um sucedâneo da luta internacional contra a opressão colonial, b) o retorno dos combatentes da Primeira Guerra Mundial aos EUA, quando a segregação dos soldados negros mostrou que a luta contra o racismo em uma perspectiva local era parte de uma luta maior, global, de emancipação de classes, especialmente no confronto contra o imperialismo e o colonialismo e c) a influência das ideias Pan-africanas, tendo como marco a realização do Congresso Pan-Africano de Paris, em 1919.

Perspectivas expressas no massivo engajamento do movimento negro nos EUA em prol da defesa da soberania nacional da Etiópia, em 1934, e repetido, pouco depois, no apoio dessas mesmas entidades à II República espanhola, em 1936. Da Etiópia à Espanha – e do campo intelectual ao campo dos movimentos sociais organizados – o fascismo apareceu como um novo sucedâneo do imperialismo e, conseqüentemente, um sucedâneo, com caráter transnacional, da opressão racial sofrida pela população negra naquele país.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial e a segregação dos soldados negros em seu retorno aos EUA – entre eles, os famosos “*Harlem Hellfighters*”<sup>3</sup> – ficou claro,

---

<sup>3</sup>Como ficou conhecido o 369º Regimento de Infantaria do Exército dos EUA, formado a partir da 15ª Regimento da Guarda Nacional de Nova York, sediado no Harlem, formado em sua maioria por soldados

como expressou, por exemplo, a edição de maio de 1918 da revista *The Crisis*, publicação oficial da *National Association of Advanced of Colored People* (NAACP), dirigida por W.E.B. Dubois, que a luta contra o racismo em uma perspectiva local era parte de uma luta maior, global, de emancipação de classes, especialmente no confronto contra o imperialismo e o colonialismo.<sup>4</sup>

Poucos anos depois, a *Harlem Renaissance* – termo cunhado pelo poeta Alain Locke para designar o movimento artístico e cultural iniciado na cidade de Nova York, mas que rapidamente ganhara contornos transnacionais – demonstrou a ascensão de um movimento amplo e organizado tanto no campo intelectual quanto social, influenciado pelas raízes culturais negras do sul dos EUA na luta contra o racismo, a violência e a exclusão, mas também fortemente influenciado pela imigração (especialmente afro-caribenha) e pelas ideias Pan-africanas trazidas consigo. Intelectuais, tais como os poetas Claude McKay e Langhston Hughes, rapidamente indicaram que a luta *anti-establishment* da população afro-descendente nos EUA, e a cultura a que refletia, era indissociável da autodeterminação dos povos ao redor do globo.

A “Renascença” do Harlem nos EUA emerge simultaneamente dentro de um contexto internacional em transição, marcado pela organização do Congresso Pan-Africano de 1919, realizado no mesmo mês de fevereiro junto à Conferência de Paz de Paris, marcando o fim da Primeira Guerra Mundial. Pensada e articulada como um fórum paralelo a fim de debater a situação das nações colonizadas à luz do realinhamento geopolítico global no fim da Era dos Impérios, o congresso reuniu lideranças negras dos EUA, da África e do Caribe (além de delegados da Ásia e América do Sul). Especial destaque foi conferido ao historiador, editor e educador estadunidense

---

negros, mas também com membros de origem porto-riquenha. O 369º Regimento foi o primeiro batalhão de soldados negros a compor a Força Expedicionária do Exército dos EUA em um conflito interacional. Antes de sua mobilização, em 29 de junho de 1915, todos os afro-americanos mobilizados para lutar na Primeira Guerra Mundial deveria deveriam se alistar no Exército francês ou canadense. O regimento embarca para a Europa em 1º de dezembro de 1917. Em 8 de abril de 1918, o alto comando do Exército dos EUA resolve integrar a o 369º Regimento no Exército francês, devido a recusa de outros soldados estadunidenses em combater ao lado de seus compatriotas negros. Entre os franceses, os membros da brigada foram apelidados de “*men of bronze*”. O apelido “*Hellfighter*” foi dado pelos alemães, diante da bravura e disposição demonstrado pelos então inimigos no campo de batalha.

<sup>4</sup> A coleção digitalizada da Revista *The Crisis* pertence à Brown University, EUA, e está disponível para consulta *online* desde o Vol.1, n.1, de 1910 ao Vol.25, n. 2 de 1922, podendo ser acessada por completo através por meio do link: [http://www.modjourn.org/render.php?view=mjp\\_object&id=crisiscollection](http://www.modjourn.org/render.php?view=mjp_object&id=crisiscollection),



W.E.B. Du Bois, que não apenas atuou como promotor do evento no contexto local, arrecadando dinheiro junto aos membros da NAACP para sua realização, como também atuou como uma espécie de embaixador, articulando junto ao governo estadunidense e francês a realização do congresso em paralelo à Conferência de Paz.

No entanto, o próprio Congresso Pan-africanista de 1919, o primeiro grande esforço de articulação transnacional da diáspora negra, teve também influência anterior da onda anticolonial promovida pelo espriar da Revolução Russa de 1917, tanto na África, Ásia e Américas, quanto dentro das metrópoles a partir dos partidos comunistas e intelectuais locais<sup>5</sup>. A construção do movimento comunista com caráter global foi decisiva na transformação da “Questão Negra” em um sucedâneo da luta internacional contra o imperialismo das nações capitalistas, desde sua definição por Lênin em 1920, durante o Segundo Congresso da Internacional Comunista, como parte de suas “Teses sobre a questão nacional e colonial”, até a cooptação de parte do movimento negro internacional pelos comunistas após o IV Congresso da Internacional Comunista, em 30 de novembro de 1922.

Nos EUA, a conversão de muitos militantes negros ao comunismo levou os principais grupos organizados locais, como a *African Blood Brotherhood* (1919-1924), a se engajarem junto aos seus militantes em prol de temas sensíveis à estabilidade política internacional no período entre guerras, em especial do combate à expansão do fascismo internacional como etapa da luta pela emancipação dos povos colonizados.<sup>6</sup>

A hipótese que desejo apresentar neste artigo é de que após 1919, os movimentos negros (no plural) dos EUA passam a ler sua agenda local à luz de uma perspectiva

---

<sup>5</sup>E, mais adiante, na formação das associações negras locais, algumas delas de orientação comunista, como a *Negro Welfare Association*, fundada em Londres, em 1931, pelos imigrantes caribenhos Arnold Ward e Chris Braithwaite, membros da *League Against Imperialism*, um dos braços da Terceira Internacional, fundada em Bruxelas, em 1927, por esforço do comunista alemão Willi Munzemberg, com os objetivos de organizar intelectuais europeus e imigrantes do Caribe, da África e da Ásia, contra o colonialismo. Os trabalhos dessas associações foram fundamentais para organizar a militância contra o colonialismo e o imperialismo, baseado nos princípios de autonomia dos povos ditados pela Terceira Internacional, até o advento da definição das Frentes populares, quando a definição da luta anti-imperialista foi substituída pela luta antifascista entre os comunistas. (MATERA, 2015)

<sup>6</sup> Há uma extensa bibliografia disponível sobre a inter-relação entre os movimentos sociais negros nos EUA e a luta anti-colonial, a qual, por razões óbvias, não podemos instrumentalizar totalmente neste espaço. No entanto, seguiremos alguns rastros de pesquisadores que pensaram as relações transnacionais dos movimentos da diáspora negra nos EUA diante de seu engajamento na luta antifascista global, tais como ESCHEN (1997) e MAKALANI (2011).



transnacional, sendo que especificamente alguns deles conectados à perspectiva revolucionária do movimento comunista internacional<sup>7</sup>. E essa perspectiva seria expressa duas décadas adiante, por exemplo, no massivo engajamento desses movimentos sociais organizados em prol da defesa da soberania nacional da Etiópia, único país não colonizado da África (à exceção da Libéria, uma semicolônia), quando da Crise da Abissínia, em 1934, e um ano depois, em 1935, quando tropas italianas invadiram o país durante a Segunda Guerra ítalo-etíope, aproveitando a instabilidade da Liga das Nações (GEBREKIDAN, 1995). Engajamento repetido poucos meses depois, no apoio dessas mesmas entidades à II República espanhola, em 1936, quando do golpe de Estado que iniciou a Guerra Civil. Da Etiópia à Espanha – e do campo intelectual ao campo dos movimentos sociais organizados – o fascismo apareceu como um novo sucedâneo do imperialismo e, conseqüentemente, um sucedâneo da opressão racial sofrida pela população negra nos EUA com caráter transnacional.

A partir desse panorama histórico, compreendendo cada um desses três momentos como de intersecção entre os debates locais e as questões globais, o que possibilitará ler a formatação da imagem do *New Negro* nos EUA durante o período entre as duas guerras mundiais. Ou seja, a transição entre o “nacionalismo negro” (por exemplo, do ponto de vista de Marcus Garvey), baseado em grande medida em uma visão romântica de retorno à África, para o engajamento no socialismo ortodoxo (MAKALANI, 2011; ROBINSON, 2000)<sup>8</sup>. Alinhamento que se refletirá nas diversas

<sup>7</sup> Do ponto de vista histórico, o olhar transnacional em torno da situação da população afrodescendente nos EUA, precede até a própria abolição da escravidão naquele país (1863 nos estados no norte dos EUA e 1865 nos estados do Sul). Em 1852, Martin Robinson Delany, importante figura do movimento de emancipação negra em formação nos EUA, escreveu o livro, “*The Condition, Elevation, Emigration and Destiny of the Colored People of the United States, Politically Considered*”, em que argumentava que outros povos na Europa e os judeus tinham se organizado para conquistar sua autonomia através por meio de um nacionalismo de cunho étnico, o que deveria inspirar a população negra nos EUA. Para Delany, restava então, como única alternativa, a formação de uma comunidade negra em outra região das Américas, já que o alcance da plena cidadania não parecia ser possível dentro dos EUA. No entanto, apesar da comparação entre contextos nacionais diferentes para sustentar sua tese, Delany parte de um ponto de vista local para o global, ou seja, a partir da situação da população afrodescendente *dentro* dos EUA. Minha tese neste artigo reforça que, a partir de 1919, ao contrário, a perspectiva se inverte: de um ponto de vista global para o local. Ou seja, partindo da compreensão, primeiro primeiramente do colonialismo e depois do fascismo como problemas globais no período entre as duas guerras mundiais, para enxergar o racismo e a segregação locais como seus sucedâneos diretos.

<sup>8</sup> Em muito, fruto do que Cedric J. Robinson indentificou como um processo de formação de uma inteligentsia negra marxista no EUA, fortemente influenciada pela imigração de intelectuais caribenhos





nuances dos grupos que integravam o Movimento Negro nos EUA e seus debates em torno dos caminhos de luta e resistência, tanto ao racismo em termos locais, quanto ao colonialismo, ademais posteriormente, na década de 1930, o fascismo em escala global. Transnacionalismo este que pode ser entendido como parte integrante de uma modernidade alternativa ligada à tradição radical negra entre as duas guerras mundiais, quando uma *intelligentsia* negra, especialmente na região do Atlântico, se aproxima do Marxismo enquanto teoria social (ROBINSON, 2000; GILROY, 1993).

### Uma definição de “Movimento Negro” nos EUA

O que eu estou chamando aqui genericamente de “movimento negro nos EUA”? Estou me referindo aos movimentos sociais organizados em torno da diáspora negra e da defesa dos direitos civis da população afrodescendente nos EUA. Apesar de equalizar os diversos grupos que surgem no contexto do Pós-Guerra Civil (1861-1865) em torno da luta pelos direitos civis da população negra no pós-emancipação, tal denominação genérica não deixa de reconhecer as contradições e os debates entre suas diferentes correntes.

No período que interessa às reflexões aqui expostas, havia três correntes em disputa dentro do “movimento negro” dos EUA. De um dos lados se encontrava a corrente que defendia o “assimilacionismo colaborativo”, organizada em torno de Booker T. Washington (1856-1915). Nascido na Virgínia, Washington era um ativista moderado que acreditava que a inclusão da população afrodescendente na sociedade estadunidense deveria passar por um processo gradual de assimilação e formação educacional, evitando assim o questionamento das hierarquias raciais que permaneciam em diversos estados, especialmente no sul dos EUA, no contexto pós-guerra civil. A corrente de Washington se expandiria por meio do *Tuskegee Institute*, localizado no

---

para cidades como Chicago e Nova York, onde se mesclam a uma tradição radical negra nacional, da qual, por exemplo, o próprio W.E.B Du Bois é ao mesmo tempo fruto direto, e também ponte de mediação, já que ele próprio vai aderir ao marxismo no período pós-Primeira Guerra. Contudo, também sob influência de pensadores negros de origem caribenha radicados na Europa, como Aimé Cesaire, o que reforça os traços transnacionais dessa própria *intelligentsia* negra que vai pensar os problemas étnicos dentro do movimento Pan-africano a partir do marxismo. (Sobre esse debate, ver especialmente a Parte 3, capítulo 8, “*The Formation of an Intelligentsia*”, do livro de ROBINSON, op.cit., pp.175-185)



Alabama, e exerceria influência em intelectuais como Robert Abbott, editor da Revista *The Chicago Defender*, uma das principais publicações da chamada “imprensa negra” na primeira metade do séc. XX.

De outro lado estava a corrente organizada em torno de W.E.B. Du Bois (1868-1963), que representava uma face radical da imprensa negra nos EUA se opondo ao assimilacionismo colaborativo defendido por Washington. Du Bois foi peça-chave na ampliação dos trabalhos da NAACP, fundada em 1909 e atuante até os dias de hoje, e na edição de sua revista oficial, *The Crisis*.

Há ainda uma terceira corrente, ainda mais radical, concentrada nos imigrantes caribenhos em Nova York e dirigida por Marcus Garvey (1887-1940). Jamaicano, Garvey já tinha um longo histórico de militância em torno da diáspora negra no Caribe, América do Sul e Londres antes de emigrar aos EUA, em 1916. Uma vez nos EUA, ele começa a se distanciar de Booker T. Washington e se instala no Harlem, onde, juntamente a um grupo de emigrados caribenhos, funda a seção local de sua organização, a *Universal Negro Improvement Association and Afrinca Communities League* (UNILA), em maio de 1917. A partir de então, Garvey começa a advogar em favor do que a historiografia mais tarde chamou de “nacionalismo negro” (que teve Martin Delany como um de seus fundadores), defendendo o “retorno dos descendentes para a África” como única maneira de sanar as desigualdades, o racismo e a segregação sofrida pelos afrodescendentes.

Meu foco neste artigo serão então as interseções entre essas duas correntes mais “radicais” que, a partir da recusa do conceito de “assimilacionismo” de Booker T. Washington, exemplificadas por W.E.B. Du Bois e Marcus Garvey, darão sentido a organizações sociais e perspectivas intelectuais das quais tratarei aqui.

Metodologicamente, parto de duas perspectivas para considerar os problemas apresentados neste artigo. A primeira delas é a de que a história intelectual pode ajudar a costurar as intersecções entre os movimentos sociais justamente ao recuperarem as tramas e caminhos de circulação desses homens e mulheres, bem como suas ideias e consequentemente dos veículos nos quais publicavam.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup>Tenho debatido o tema da circulação de intelectuais e seus espaços de publicação em minhas pesquisas



Quando pensamos em intersecções intelectuais em perspectiva histórica – e em intelectuais não como categoria sociológica a parte do restante da sociedade, mas como sua resultante<sup>10</sup> –, pensamos essencialmente nas ideias que articulavam seus interesses comuns e como estes se interseccionavam. Do ponto de vista dos grupos ligados aos Movimentos sociais, artísticos e políticos que representavam os afrodescendentes nos EUA, a assimilação gradual de temas até então externos ao seu contexto econômico e social local foi possibilitada pelo diálogo com ideias e projetos políticos trazidos com a imigração caribenha, africana e europeia, posteriormente também ao fim da Primeira Guerra Mundial, da própria assimilação da experiência dos veteranos em seu retorno à terra natal. O Pan-africanismo como projeto político se transformou então na primeira ponte de mediação entre esses dois contextos: o interno, da luta local contra a segregação e pela ampliação da cidadania da população afrodescendente estadunidense, e o externo, das mazelas da colonização e o imperialismo na África e no Caribe (GEISS, 1974). Em seguida, o movimento Comunista se torna a etapa seguinte dessa mediação entre os contextos interno dos EUA e o externo em um projeto político emancipatório mais amplo, envolvendo simultaneamente a equalização dos direitos da população afrodescendente nos EUA, a emancipação das populações sob julgo colonial e a superação do modo de produção capitalista (BERLAND, 1999-2000; 2000; YOUNG, 1975).

Outro parâmetro metodológico que interessa aqui é aquele fornecido pela história transnacional, que permite compreender a construção de pontes de mediação entre diferentes contextos (econômicos, culturais e sociais) nacionais e, com isso,

---

há alguns anos. Ver, por exemplo, os artigos: “Victor Gollancz: um editor socialista nos anos do Popular Front”. *Revista Mundos do Trabalho*. Vol.8, n.15, janeiro-junho de 2016, pp.87-108. [dx.doi.org/10.5007/1984-9222.2016v8n15p87](https://doi.org/10.5007/1984-9222.2016v8n15p87); “As cartas europeias: a história de uma seção na revista novaioquina *Partisan Review*”. *Revista Territórios e Fronteiras*. Vol.9, n.2, julho-dezembro, 2016. Pp.171-199. [dx.doi.org/10.22228/rt-f.v9i2.530](https://doi.org/10.22228/rt-f.v9i2.530); e a tese de doutorado: **As cartas de Londres: George Orwell nas redes intelectuais em Londres e Nova York (1941-1946)**. 2015. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2016.tde-19082016-140420.

<sup>10</sup> Debate clássico que pode ser abordado, por exemplo, a partir da obra de Pierre Bourdieu. Ve, por exemplo, o artigo de Sérgio Miceli: “Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura.” **Tempo soc.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 63-79, Apr. 2003. Disponível <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702003000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000100004&lng=en&nrm=iso)>. Access on 21 June 2019. [http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702003000100004](https://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702003000100004).



compreender as percussões de circulação desses homens e mulheres que carregaram consigo tais ideias e projetos políticos.<sup>11</sup> Durante o período entre as duas guerras mundiais, a “Questão Negra” se torna um problema a ser pensado dentro da conjuntura internacional, que envolveria, a partir do final da década de 1920, a mobilização contra a emergência do Fascismo (ADI, 2009).

No período entre as duas guerras mundiais, a “Questão Negra” se torna um problema a ser pensado dentro da conjuntura internacional que envolveria, a partir do final da década de 1920, a mobilização contra a emergência do Fascismo (ADI, 2009).

É assim que autores que emergem da “Renascença Negra” do Harlem vão pensarpensarão o papel do “Novo Negro” a partir de então, inserido numa em uma conjuntura de problemas globais, entre eles Otto Huiswood (1930), Harry Haywood (1978), Laghston Hughes, Claude McKay, George Padmore, Hubert Harrison, etc. Ou ainda autores que vão pensarpensarão a “Questão Negra” nos EUA como símbolo das contradições daquela sociedade em relação aos problemas internacionais, como James S. Allen, em seu, “*The Negro Question in the United States*” (New York, International Publishers, 1936), ou então, James W. Ford, em sua obra, “*The Negro and the Democratic Front*” (New York, International Publishers, 1938).

Muitos desses intelectuais eram imigrantes caribenhos, que se estabelecem em Nova York, Chicago ou Los Angeles (TURNER, 2005) – e/ou que circulam entre esses locais – ou mesmo que, a partir dali se estabeleceriam em outras partes do mundo e circulariam entre cidades como Londres, Paris, Moscou ou Hamburgo (nos casos de McKay, Padmore e Huiswood, por exemplo) (WEISS, 2009; 2010). O fato de migrarem e quebrarem as barreiras interpostas pelos nacionalismos, permitiu a esses homens e mulheres (como Amy Ashwood Garvey, esposa de Marcus, mas a compiladora de suas ideias, que permaneceu se envolveu com alguns dos principais grupos radicais negros locais em Londres durante por alguns anos, envolvida em alguns

---

<sup>11</sup> Estou trabalhando com o debate sobre a intersecção entre a História Transnacional e a circulação de ideias através por meio da circulação de livros na minha atual pesquisa de Pós-doutorado, que está sendo realizada no Departamento de História da UNESP, Campus de Assis, São Paulo, sob orientação da Professora Tania Regina de Luca e financiamento da FAPESP. Ver ainda o capítulo capítulo no prelo de minha autoria: “*The Left Book Club and its associates: International circulation of socialist ideas in an Atlantic network*”. In FEATHERSTONE, David; HOGSBJERG, Christian; RICE, Alan. *Revolutionary Lives of the Red and Black Atlantic*. Manchester: Manchester University Press. (no prelo)



dos principais grupos radicais negros locais) transportarem consigo ideias e projetos de emancipação, coadunados no período entre as duas guerras mundiais por movimentos caracteristicamente internacionalistas como o Pan-africano e o Comunista (WEISS, 2011).

E a circulação desses homens e mulheres entre as periferias e o centro do capitalismo liberal se intensificou a partir do acirramento das tensões sociais e econômicas entre as coloniais colônias e suas metrópoles. Tensões provocadas simultaneamente pela crise do imperialismo europeu ao final da Primeira Guerra Mundial e, simultaneamente, pela reconstrução do Pan-africanismo como um movimento político concreto a partir da realização do Congresso Pan-africano de Paris, em 1919. Contexto que tem um cujo impacto se tornou decisivo no Atlântico Negro.

### **A Grande Guerra e o movimento negro nos EUA**

O contexto da Primeira Guerra mundial Mundial afetou diretamente a vida da comunidade negra nos EUA, já que, efetivamente, correspondeu a um período de transformação da própria sociedade estadunidense em termos sociais e econômicos, espaciais e populacionais. A “Grande Migração” iniciada em 1916, durando até a década de 1970 – com a primeira fase durando até 1930 –, correspondeu a à migração gradual de cerca de 6 milhões de afrodescendentes do sul-rural dos EUA para as zonas industriais do nordeste, meio-oeste e oeste do país, o que resultou no aumento massivo dessa população em cidades como Chicago e Nova York. Simultaneamente a essa movimentação populacional, os EUA viram a transposição das Leis Jim Crow para o serviço militar, quando as leis segregacionistas criadas para manter a hierarquização racial no sul dos EUA, são transportadas para as Forças Armadas. Para a vida dos soldados, o resultado prático da segregação foi a criação de campos de treinamento específicos para afrodescendentes<sup>12</sup>, muitas vezes resultando em confrontos étnicos entre militares e o racismo das comunidades locais, como ocorreu nas “*Houston Riots*” em 1917.

O Motim de Houston foi coberto pela *The Crisis*, no Vol.14, n.6, outubro de 1917.

---

<sup>12</sup> Sobre a cobertura desse tema, ver por exemplo *The Crises*, vol.14, n.1, Maio, 1917, p.22.



Nessa edição, o principal tema, a ocupar ocupando diversos comentários e colunas, foi o incidente ocorrido na cidade de Houston, Texas, em 23 de agosto de 1917, quando soldados negros integrantes da 24ª Regimento de Infantaria, estacionados em *Camp Logan*, mataram quinze pessoas brancas. O motim começou depois que um rumor se espalhou pelo campo, de que um soldado negro do 3º Batalhão do Regimento, chamado Charles Baltimore, teria sido assassinado pela polícia local após intervir na detenção de uma mulher negra pela polícia de Houston. Baltimore fora espancado e preso, contudo, sobrevivendo e mais tarde sendo solto. Diante dos rumores e da tensão racial entre os soldados negros estacionados e a população branca da cidade, cerca de 150 soldados de *Camp Logan* marcharam pelas ruas de Houston durante 2 duas horas em forma de protesto. Em reação, membros da comunidade local, todos brancos, se armaram para confrontar os soldados, iniciando iniciando-se assim o conflito.

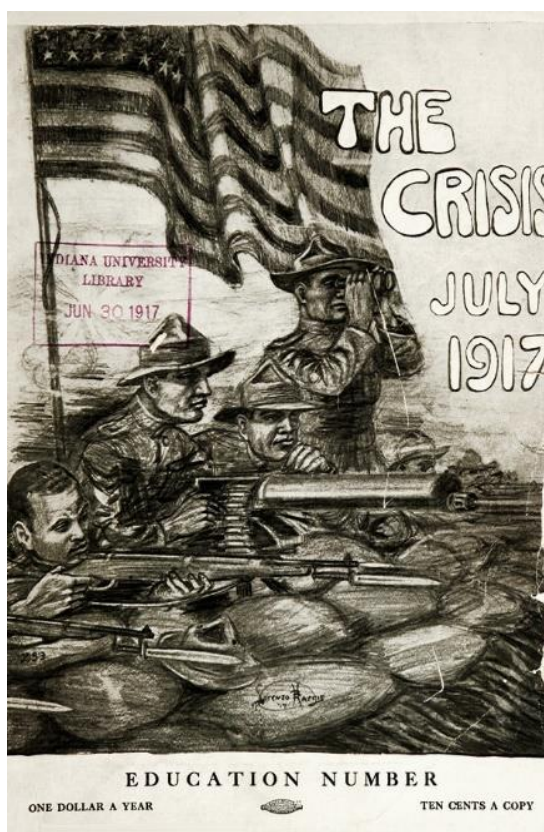


Figura 1: Capa *The Crisis*, Vol.14, n.13, julho 1917. Exaltando a Grande Guerra como caminho de emancipação da população afrodescendente nos EUA. Ilustração de Lorenzo Harris. Disponível em:



*Revista Eletrônica da ANPHLAC*, ISSN 1679-1061, Nº 27, p. 144-184, Ago./, Dez., 2019.  
<http://revista.anphlac.org.br>

<https://library.brown.edu/cds/repository2/repoman.php?verb=render&id=129242527770375&view=pageturner>

O resultado foi a morte de quatro soldados negros e cerca de quinze pessoas brancas, além de dezenas de feridos. O líder do motim, Sargento Vida Henry se matou após a morte de um membro da guarda nacional por engano, levando à desmobilização dos soldados. No mês de novembro daquele ano, foi organizado o maior tribunal de corte marcial da história dos EUA, no *Fort Sam Houston*, na cidade de San Antonio, quando sessenta e três soldados do terceiro batalhão foram formalmente acusados. Trezes deles foram imediatamente condenados à forca no dia 11 de dezembro de 1917. No ano seguinte, outro julgamento militar condenou mais dezesseis a forca. Pressionado por líderes da comunidade negra em todo o país, Woodrow Wilson converteu a pena de morte de dez dos condenados. No total, sessenta soldados foram condenados à prisão perpétua. O 24º Regimento de Infantaria foi ainda impedido pelo governo dos EUA de embarcar para a França para participar da Guerra (HAYNES, 1976; HOLDER, s/d)<sup>13</sup>.

O motim provocou uma comoção nacional, sendo largamente instrumentalizado por políticos e pela imprensa racista como propaganda contrária à equalização dos direitos da população afrodescendente no Sul e, em alguns casos, sobre os “perigos” da imigração massiva dessa população para as zonas industriais do norte do país.

O que se esperaria então do engajamento da comunidade afrodescendente no esforço de guerra em casa e no campo de batalha europeu? Inicialmente, a Integração: acreditava-se que a guerra, assim como ocorrera com a participação dos soldados negros na Guerra civil (1861-1865), seria uma etapa decisiva no processo de inclusão plena ou o alcance de uma “cidadania de primeira classe” (FRANCISCO, 2016).

---

<sup>13</sup> Outro dado curioso é que, em 2016, uma petição pública foi encaminhada para o Departamento de Defesa dos EUA, ainda sob administração de Barack Obama, requisitando o perdão oficial aos treze soldados enforcados em novembro de 1917. A resposta oficial do governo dos EUA foi de que o órgão não tinha poderes de emitir perdão póstumo. Em 2017, a petição foi reencaminhada, agora, para a administração Trump, que até então não havia respondido a à solicitação. Sobre isso ver a matéria do Washington Post, de 24 de agosto de 2017: [https://www.washingtonpost.com/news/retropolis/wp/2017/08/24/i-am-not-guilty-the-mass-hanging-of-13-black-soldiers-after-the-bloody-1917-houston-riots/?utm\\_term=.10b5d34cfee0](https://www.washingtonpost.com/news/retropolis/wp/2017/08/24/i-am-not-guilty-the-mass-hanging-of-13-black-soldiers-after-the-bloody-1917-houston-riots/?utm_term=.10b5d34cfee0)







Figura 2: The Crisis, Vol.14, n.2, Jun 1917. Ilustração de Lorenzo Harris: “In spite of Submarines”. Ilustração da *The Crisis* sobre a transposição das Leis Jim Crow para as Forças Armadas dos EUA. Disponível online: [http://www.modjourn.org/render.php?id=1292426816414125&view=mjp\\_object](http://www.modjourn.org/render.php?id=1292426816414125&view=mjp_object)

Em segundo lugar, esperava-se a diminuição da segregação e do racismo local com o reconhecimento dos serviços prestados pelos soldados negros aos EUA. No entanto, o que ocorreu de fato? 1) Manutenção do racismo e da segregação; 2) Manutenção das Leis Jim Crow; 3) Manutenção dos linchamentos, 4) Direcionamento da violência racista aos veteranos. O reflexo das pressões sociais e raciais contra a população negra ao final da Primeira Guerra Mundial se refletiu nos protestos de 1919, em Chicago, destacadas pela imprensa à época como o “*Red Summer*”. A segregação nas praias de *Lake Michigan*, em Chicago, se transformou em confrontos étnicos no verão de 1919, tendo evidenciado assim que as leis Jim Crow haviam migrado, juntamente a mão-de-obra dos negros do sul, para as cidades do meio-oeste e do norte dos EUA.



A violência racial e seus impactos sociais nos EUA no período que interessa a este artigo foram mapeados pelo projeto “*Lynching in America*”, desenvolvido pela *Equal Justice Initiative*, instituição organizada na cidade de Montgomery, Alabama, tendo documentado a violência racial nos EUA entre 1877 e 1950. Por meio de entrevistas, pesquisas historiográficas e documentação em arquivos e pequenos jornais locais em cidades do Sul daquele país, a pesquisa chegou ao número de 1075 linchamentos de afro-descendentes no período pesquisado. Em 2016, a mesma entidade organizou a pesquisa “*Lynching in America: Targeting Black Veterans*”, que chegou à conclusão de que muitos dos veteranos afro-descendentes desde a Guerra Civil até as duas guerras mundiais (Primeira e Segunda) correspondiam a um número alto entre todos esses casos de assassinatos por linchamento. Motivo: os brancos racistas não queriam homens negros, treinados e com perícia em armas, vivendo entre eles.<sup>14</sup>

É interessante notar também a reação institucional do governo dos EUA ao “*Red Summer*”, de 1919. Houve inúmeras apelações de lideranças negras e intelectuais para que Woodrow Wilson – celebrado como o grande artífice da soberania dos povos no Conferência de Versalhes, em 1919 – e o governo federal dos EUA intervissem nos estados contra os linchamentos, considerando-os crime federal. Houve algumas tentativas de intervenção – como no caso de uma proposta do Congresso para criar uma comissão para avaliar os “crimes raciais” naquele verão de 1919. No entanto, nenhuma delas saíram saiu do papel. Ao longo da década de 1920, o governo federal se calaria sobre a segregação nos estados do sul e nos sobre os crimes raciais contra a população negra, retomando algum esforço para mediar a situação apenas na década de 1930 (KRUGLER, 2015).

---

<sup>14</sup> O Projeto “*Lynching in America: targeting Black veterans*” e seus relatórios podem ser consultados online aqui: Link:a partir do seguinte link <https://eji.org/reports/lynching-in-america-targeting-black-veterans#.We03gJkydAc.facebook>





Figura 3: Capa da *The Chicago Defender*, 2 de agosto de 1919, fazendo referência ao “Red Summer”: “Motim varre Chicago”. Disponível em: <http://cameronmcwhirter.com/wordpress/wp-content/uploads/2011/05/ChicagoDefRiotSweeps.jpg>

A Primeira Guerra, contudo, serviu para aproximar o debate nacional sobre a segregação e o racismo dos temas do colonialismo e do imperialismo. Alguns temas internacionais já estavam sendo debatidos pela comunidade negra no período anterior, como a diáspora negra e as propostas de criação de comunidades fora dos EUA – por exemplo, com o “nacionalismo negro”, desde Delany até Marcus Garvey. Contudo, todos esses temas eram debatidos sob a perspectiva da resolução dos problemas de integração dos afrodescendentes dentro dos EUA. A *débâcle* de 1914-18 permitiu a comparação desse debate com a situação dos povos “não-brancos” no contexto da guerra: por exemplo, comparando a situação dos soldados negros estadunidenses, com a situação das tropas coloniais nos Exércitos da Entente (especialmente as tropas coloniais francesas) e em suas sociedades (DEWITT, 1985). Por exemplo, páginas da Revista *The Crisis* afirmam textualmente Há, por exemplo, a afirmação textual nas páginas da Revista *The Crisis* de que a Guerra daria aos soldados



negros estadunidenses o senso de “plena cidadania” e integração na sociedade francesa, sem as leis segregacionistas dos EUA. Senso de “cidadania” que eles reivindicariam em sua volta para casa.<sup>15</sup>

E como esse contexto foi interpretado pelo universo intelectual? Primeiro Primeiramente, é necessário destacar a cobertura da chamada “imprensa negra”, cujo papel foi fundamental não apenas para a mobilização da comunidade afrodescendente no esforço de guerra (e no alistamento massivo de afro-estadunidenses), como na gradual formatação do chamado “Novo Negro” – aquele intelectualmente preparado para confrontar o racismo e o segregacionismo da sociedade local de seu tempo. Nesse sentido, o papel de editores como W.E.B. Du Bois, a à frente do *The Crisis*, e do Robert Abbott, a frente doliderando o *Chicago Defender*, são fundamentais na retratação da guerra como uma oportunidade de integração da população afrodescendente na à sociedade estadunidense (FRANCICO, 2016; HICKS, 2007).

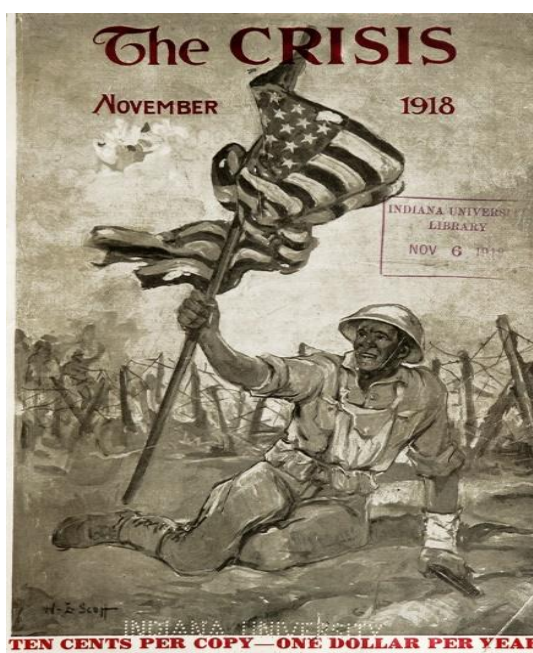


Figura 4: Capa *The Crisis*, Vol.17, n.1, Nov 1918. Ilustração de Lorenzo Harris, “At Bay”, retratando o heroísmo dos soldados negros nos campos de batalha europeus. Disponível em: [https://library.brown.edu/cds/repository2/repoman.php?verb=render&id=1292951205264875&view=page\\_turner](https://library.brown.edu/cds/repository2/repoman.php?verb=render&id=1292951205264875&view=page_turner)

Nesse sentido, a ideia do “novo negro”, representativa no trabalho intelectual de

<sup>15</sup> *Leslie's Weekly*, NY Apud *The Crises*, v.15, n.2, dezembro de 1917, p.80.

Du Bois, se torna fundamental na formatação de uma nova perspectiva também para a construção de um movimento organizado que enxerga no internacionalismo uma parte constitutiva de si. Ou seja, na compreensão de que os problemas internacionais de outros povos oprimidos se aproximavam de suas condições locais. O poema “*Don’t tread on me!*”, publicado por Andrea Razafkeriefó na revista *The Crusader*, em abril de 1919, mostra justamente a atitude do “Novo Negro”, cujo espírito, parcialmente que foi em parte forjado pelas experiências na Primeira Guerra Mundial, se converteria em mola de ação para combater a segregação que persistia nos EUA a partir de então:

“For by the blood you’ve spilled in France  
You must and will be free,  
So from now on let us advance  
With this: Don’t tread on me!”<sup>16</sup>



Figura 5: “African Phantasy: Awakening”, Ilustração de Winold Reiss (1925). Para a antologia, *The New Negro: An Interpretation*, editado por Alain Locke.

### A geração da década de 1920: o internacionalismo como horizonte

A imagem do “novo negro” que emerge com as organizações políticas da década

<sup>16</sup> Andrea Razafkeriefó, “Don’t tread on me!” *The Crusader*, Abril de 1919. Apud. KRUGLER, David. F. 1919, *The Year of Racial Violence: how African americans fought back*. New Yor: Cambridge University Press, 2015. p.29.



de 1920, enxergava o internacionalismo como parte integrante de sua luta doméstica contra o racismo e a segregação.

A imagem do “novo negro” que emerge com as organizações políticas da década de 1920 enxergava o internacionalismo como parte integrante de sua luta doméstica contra o racismo e a segregação. A realização do Congresso Pan Africano de 1919, foi o primeiro grande passo nesse processo. W.E.B. Du Bois foi figura-chave para a organização do evento, tanto por sua capacidade de arregimentar apoio, inclusive logístico, entre a comunidade negra dos EUA, através por meio da NAACP, quanto por costurar os contatos que permitiram ao a realização do Congresso se realizar simultaneamente à Conferência de Paz de Paris, no mesmo mês de fevereiro de 1919 (CONTEE, 1972; DUNSTAN, 2016). Em Versalhes, se definiriam definiriam-se os termos do Armistício e as severas penas para a Alemanha, derrotada na Guerra, redesenhando a ordem global naquele que seria conhecida conhecido como o “momento wilsoniano”, fruto da “vitória” das propostas do presidente Woodrow Wilson – seus “14 pontos” - com um novo desenho geopolítico da Europa e das colônias na África, Ásia e Oriente Médio.



Figura 6: William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963) – Aqui em foto de 1918, com 50 anos.

Na verdade, o Congresso de Paris de 1919 foi a segunda tentativa de aproximação dos movimentos da diáspora negra, tendo o primeiro sido realizado em Londres: a Conferência Pan-Africana de 1900, do qual Du Bois compareceu como delegado. No entanto, a partir do Congresso de 1919, e dos efeitos da Primeira Guerra para as colônias, os movimentos da diáspora negra entenderam que era fundamental uma organização internacional que pudesse, se não funcionar como coordenadora das diferentes correntes, ao menos mediar seus debates. Ocorreriam os congressos posteriores em 1921, 1923, 1927 – antes do início da Segunda Guerra Mundial – e os de 1945, 1974, 1994. O Congresso de 1945, o mais importante até então, realizado na cidade de Manchester, Inglaterra, marca a transição do Pan-africanismo: de um movimento de ideias para um projeto político prático, reunindo uma geração que, a partir de 1957, guiaria o processo de descolonização da África. A partir do Congresso em Manchester, todos os demais eventos devem ser lidos então em um contexto diferente daquele que me interessa neste artigo: ou seja, aquele dos processos de descolonização, o qual não me cabe tratar aqui.

No entanto, Du Bois já traçava um projeto político de caráter internacional para a solução da “questão negra” desde sua participação no Congresso Pan-Africano de Londres, em 1900, organizado por Henry Sylvester Williams. Por um lado, o Primeiro Congresso teve a iniciativa de pavimentar a conexão entre os diversos movimentos da diáspora. Por outro, contudo, não obteve força política suficiente para avançar. (DUNSTAN, 2016, p.135) Nove anos depois, com a reintrodução de conceitos como a soberania nacional e a identidade étnica nas relações internacionais em meio ao realinhamento geopolítico do mundo resultado do fim da “Era dos Impérios”, parecia uma boa ideia retomar a proposta de um Movimento Pan-Africano. E Dunstan recupera uma definição do conceito de “Pan-Africanismo” exposta por Du Bois: *“W.E.B. Du Bois sought to spread an understanding of Pan-Africanism as a borderless community United by a common ancestry and a cohesive political agenda that nevertheless allowed for individual national allegiances.”* (DUNSTAN, 2016, *ibid.*)

Uma parte da historiografia que ressalta o papel de W.E.B. Du Bois e dos





estadunidenses na organização e promoção do congresso – corrente que por fim saiu “vitoriosa”, digamos, com a eleição de Du Bois como primeiro-secretário – acaba, contudo, por deixar em luz baixa outros grupos importantes que colaboraram na organização daquele evento de 1919, incluindo o grupo de caribenhos representados pela UNILA, de Marcus Garvey (CONTEE, 1972). Na verdade, é preciso lembrar/lembrar, que não havia hegemonia entre o movimento negro nos EUA sobre os rumos que a Conferência deveria tomar, com a existência de Havia, dessa forma, duas correntes principais: a encabeçada por Du Bois e pela NAACP e aquela encabeçada liderada pelo *Tuskegee Institute*, de Robert T. Morton e Booker T. Washington, que representava representando a visão “gradualista” da assimilação do negro na sociedade estadunidense, muito mais palatável para a gestão Wilson. Não à toa, Robert T. Morton foi o escolhido para integrar a comitiva de Wilson na Conferência de Paz, como representante do “movimento negro” nos EUA (DUNSTAN, 2016)<sup>17</sup>.

O Congresso Pan-Africano de Paris se formatou então no em um momento de realinhamento geopolítico global e da redefinição da ordem internacional, em muito guiada pelos princípios definidos nos chamados “14 Pontos” propostos por Woodrow Wilson, entre Tais princípios incluíameles, os conceitos de “autodeterminação” e “soberania” das nações, na verdade, válidos na realidade apenas para as as nações europeias vitoriosas na guerra em detrimento das derrotadas, e menos ainda para as as nações coloniais. Conceitos lidos à época de um ponto de vista conservador, o qual deu tonalidade para oao próprio Congresso Pan-Africano. (ROBINSON, 2000, p.212)

---

<sup>17</sup> Interessante notar dois pontos aos quais Dunstan chamam atenção: a) de que análises análises como a de Contee (1972), uma das primeiras a destacar o papel de W.E.B. Du Bois na organização do Congresso Pan-Africano de 1919, ao mesmo tempo, põe põem em luz baixa tanto o papel da própria Conferência de Paz como contexto, como quanto o papel de outras lideranças, especialmente africanas, tanto fosse na organização do evento, quanto ou na promoção das ideias pan-africanas. E ; b) de que, ao destacar o papel de lideranças e do próprio movimento afro-descendente nos EUA na organização do Congresso e, por consequência, na promoção do Pan-africanismo, acaba por subjugar a história dos movimentos nacionalistas e das elites locais na construção das ideias que se cruzariam, em meio a à formação do Movimento Pan-Africano. (DUNSTAN, 2016, p.134)



Figura 7: “A Record of the Darker Races”, *The Crisis*. Vol. 18, No. 1, May 1919. Du Bois à frente, no centro da foto. Disponível em: <https://library.brown.edu/pdfs/1295987016703125.pdf>

O transnacionalismo que emerge das articulações propostas no Congresso Pan-Africano em Paris teria influência direta na Renascença Negra do Harlem. Aquela geração passa a entender a promoção da cultura como uma etapa fundamental para a construção da “autoconsciência” da comunidade negra nos EUA, sendo parcialmente alimentada por esse senso internacionalista, não apenas inspirado nas raízes culturais e na memória da diáspora africana nos EUA, mas na intersecção com outros povos na Europa, na África, nas Américas e na Ásia, a fim de fomentar formas renovadas de solidariedade por meio das fronteiras tradicionais (MAKALANI, 2001).

A relação da cultura negra dos EUA com a cultura francesa, por exemplo, foi estimulada pelos contatos promovidos pela guerra e pela recepção dos combatentes negros na França, país que já aprendera a apreciar a “cultura negra” a partir do *Jazz*, mas que valorizou ainda mais os esforços dos soldados afro-estadunidenses nos campos de batalha da Primeira Guerra mundial. Isso explica em parte como a “renascença negra” de Nova York, toma proporções transnacionais, ganhando adeptos em capitais cosmopolitas europeias, como Paris e Londres (HOBSBAWM, 2012).

E nesse circuito cultural transnacional que passa a valorizar ainda mais a



“cultura negra” na década de 1920, que a “literatura negra” – englobando não apenas a ficção, mas a poesia – passa a ser exaltada como uma das formas de auto representação característica do “*New Negro*”. Essa nova expressão artística, tanto quanto o *Jazz*, aproxima europeus de autores negros nos EUA, como Langhston Hughes, Arna Bontemps, Alain Locke, Paul Laurence Dunbar, James Weldon Johnson, e com autores negros caribenhos emigrados para os EUA, como Claude McKay e o jornalista Otto Huiswoud, nascido no Suriname, e considerado o primeiro afrodescendente a integrar o Partido Comunista dos EUA e representante do CPUSA no Comitê Executivo da Internacional Comunista, em 1922 (TURNER, 2005).



Figura 8: À esquerda: Langhston Hughes, 1936; no centro: Arna Bontemps, 1938; à direita: Alain Locke, 1946.

Antes de destacar alguns desses intelectuais negros, entendo que é possível ajustar o foco da análise momentaneamente para duas figuras que me parecem emblemáticas no processo de construção dessas redes transnacionais (e que se configuram também como redes interclassistas e até inter-étnicas), constituindo-se a partir da exaltação da cultura negra na década de 1920, e atuando como mediadoras culturais em um circuito que passa a ser global.

A primeira é Nancy Cunard (1896-1965). Cunard é exemplo do que a

historiografia chamou de “*Miss Anne*”: um acrônimo para as mulheres brancas que participaram de alguma maneira no cenário da *Harlem Renaissance* (KAPLAN, 2013). Além de Cunard, estavam entre elas Mary White Ovington, sufragista e co-fundadora da NAACP, a antropóloga Amy Spingarn, etc. Essas mulheres brancas, são símbolo do que essa mesma historiografia chamou de “solidariedades inter-raciais”, as quais ajudaram a formatar, mais adiante, novas formas de compreensão e até de representação da identidade racial.

Nascida em Londres, mas radicada em Paris, onde se ligou aos modernistas, a *socialite* Nancy Cunard representou um dos principais símbolos das intersecções transnacionais criadas pela cultura negra a partir da década de 1920, tendo o Harlem como seu epicentro gravitacional. Cunard se envolveu com múltiplas artes: fotografia, artes plásticas, editoração, música, etc. Somado a isso, sua paixão pela África e sua militância antirracista tornaram-na uma colaboradora e financiadora de inúmeros nomes de peso da cena cultural negra de Nova York, que expandiam seu nome juntamente ao calor do *Jazz*, entre eles Langhston Hughes, Paul Robeson e George Padmore.

Foi nesse contexto de militância contra o racismo e a promoção da cultura negra desde os EUA, que Cunard editou a chamada “*Negro Anthology*” (1934), de quase 900 páginas, que reunia poesia, ficção e ensaio, incluindo 150 autores, a maioria negros. De certa maneira, a antologia editada por Cunard quebrou a imagem idílica da África através dos olhos dos autores estadunidenses, mesmo que insistindo na ideia de uma África ancestral e, por vezes, exótica.





Figura 9: À esquerda: Nancy Cunard (1896-1965); à direita, Cunard acompanhada do poeta Langston Hughes.

Cunard teria ainda um papel fundamental em denunciar a invasão italiana da Etiópia e a Guerra da Abissínia, ajudando a interligar o fascismo como uma nova etapa do imperialismo na África, o que se materializaria mais à frente quando, em 1936, ela partiria para Barcelona na cobertura da Guerra Civil espanhola, escrevendo artigos para a *Associated Negro Press*, e para a revista *The Crisis*, e artigos publicados em Paris, Londres e Nova York. Cunard seria peça-chave ainda na mobilização dos intelectuais de esquerda de Londres no apoio à Segunda República espanhola, sendo uma das promotoras do manifesto “*Author Takes sides on Spanish Civil War*”, editado pela Revista *Left Review*, do *Communist Party of Great Britain* (CPGB)<sup>18</sup>, em um momento no qual a opinião pública britânica se polarizava. Cunard seria efetiva também nas campanhas para abrigar refugiados espanhóis na Inglaterra.

<sup>18</sup> O manifesto “*Author Take Sides on the Spanish Civil War*”, talvez o documento em inglês mais importante sobre o engajamento intelectual em favor da República espanhola lançado à época, pode ser consultado online através do site da British Library: <https://www.bl.uk/collection-items/authors-take-sides-on-the-spanish-war>



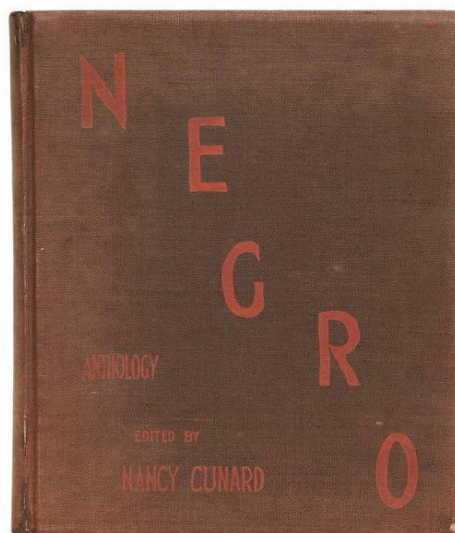


Figura 10: *Negro Anthology* (1934) de quase 900 páginas, que reunia poesia, ficção e ensaio, com 150 autores, a maioria negros

Ao longo da Segunda Guerra Mundial, Cunard seguiria suas parcerias com autores negros – tal qual George Padmore, radicado em Londres –, denunciando o racismo, o imperialismo e o fascismo na obra, *The White Man's Duty: An analysis of the colonial question in the light of the Atlantic Charter*, publicado pela primeira vez em Londres em 1942.

Ho Chin Minh (1890-1969) foi outra figura que demonstra as extensões globais dessas redes transnacionais, inter-classistas e inter-étnicas, costuradas em torno da expansão do pensamento anti-colonial e anti-imperialista, transportado com a expansão da cultura negra. Batizado como Nguyen Tat Thanh, Minh foi um político e intelectual vietnamita, Primeiro-secretário e Presidente do *Workers's Party of Vietnam*, Primeiro-ministro (1945-1955) e Presidente (1955-1969) da República Democrática do Vietnã (Vietnã do Norte). Foi o grande líder no processo de Independência do Vietnã do controle colonial francês, em 1954. Pouco antes do início da Guerra do Vietnã, em 1965, ele se afasta da vida pública por problemas de saúde, no entanto, tendo permanecido como a figura política central do país.

Apesar das controvérsias – não há registros claros –, Ho Chi Minh parece ter vivido nos EUA entre 1912 e 1919, morando inicialmente em Boston e em seguida emigrando para o Harlem, em Nova York, onde estabeleceu contato com a *Universal*





*Negro Improvement Association*. A partir de junho de 1919, já vivendo em Paris, Ho Chi Minh se aproxima de um grupo de nacionalistas vietnamitas que escreviam artigos defendendo a Independência do Vietnã, então colônia francesa da Indochina. Contudo, no calor do “momento wilsoniano” e de conceitos como “autodeterminação dos povos” em alta, a negativa do governo de George Clemanceau em levar o debate à Conferência de Paz de Paris, levou Ho Chi Minh a estreitar seus laços com os comunistas, inclusive advogando pela adesão dos socialistas franceses à Terceira Internacional (1919). Em 1920, já integrado como delegado no Congresso de Tours do Partido Socialista Francês, votou pela adesão à Terceira Internacional e foi um dos fundadores do Partido Comunista Francês (PCF), em 30 de dezembro de 1920.



Figura 11: O jovem Ho Chi Minh (sentado à frente), com outros delegados internacionais no 5º Congresso da Internacional Comunista realizado em Moscou, 1924.

Ho Chi Minh passou a se destacar por sua militância nacionalista e anti-imperialista trabalhando no Comitê Colonial do PCF e escrevendo artigos para jornais franceses<sup>19</sup>, o que chamou a atenção do Secretariado do Comintern, que o convidou a

<sup>19</sup> Ver, por exemplo, “Algumas considerações sobre a Questão Colonial”. *L'Humanite*, 25 de maio de

palestrar ir a Moscou palestrar sobre a situação colonial na Ásia. Em 1923, Ho Chi Minh foi para a Moscou, para estudar na Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente e participou do Quinto Congresso do Comintern (1924). Minh escreveu dois artigos em 1924 – “*Lynching*” e “*Ku Klux Klan*” – cujos trechos foram incluídos em sua fala no Quinto Congresso da Internacional Comunista no mesmo ano. Em ambos, ele falava discursava sobre a condição da população afrodescendente nos EUA, comparando o racismo local a à opressão colonial no Vietnã.<sup>20</sup>

### Do antirracismo local ao antifascismo global

Antes de passar ao próximo personagem, entendo que cabe aqui um rápido histórico das principais organizações nacionais e internacionais que conectaram os movimentos da diáspora negra a outros movimentos anticoloniais ao redor do globo a partir do contexto da Primeira Guerra em diante. Essas organizações podem ser visualizadas na tabela abaixo:

<b>Entidades ou organizações políticas</b>	<b>Ano de fundação</b>	<b>Local de Fundação</b>
<i>Universal Negro Improvement Association and African Communities League (UNILA)</i>	1914	Kingston, Jamaica
<i>Universal Negro Improvement Association...</i> (Sessão estadunidense)	1917	Nova York, EUA
<i>Comintern</i>	1919	Moscou, Rússia
Congresso Pan-Africano	1919	Paris, França
Fundação do <i>Communist Party of United States of America (CPUSA)</i>	1919	Nova York, EUA
<i>African Blood Brotherhood (ABB)</i>	1919	Nova York, EUA

1922. Disponível em: [https://www.marxists.org/portugues/ho\\_chi\\_minh/1922/05/25.htm](https://www.marxists.org/portugues/ho_chi_minh/1922/05/25.htm)

<sup>20</sup>*The Fifth Congress of the Communist International July 8th, 1924. In Selected Works of Ho Chi Minh* Vol. 1. Disponível em: <https://www.marxists.org/reference/archive/ho-chi-minh/works/1924/07/08.htm>



<i>Red International of Labor Union (RILU) ou Profintern</i>	1921	Moscou, Rússia
--	------	----------------

A fundação do *Communist Party of the United States of America* (CPUSA) teve sua origem nas disputas entre socialistas nos EUA. Dois partidos foram criados a partir de uma cisão dentro do *Socialist Party* por conta das desavenças com a *International Workers of the World* e com os grupos étnico-linguísticos eslavos: a) o *Communist Party*, formado pela Federação Russa, tendo como líder Louis Fraina e b) O *Communist Workers Party*, formado pela fração de língua inglesa que foi expulsa do *Socialist Party*, tendo como um de seus representantes, John Reed. Em 1921, ambas as organizações tentaram filiação no *Comintern*, a qual fora negada. O *Comintern*, ao contrário, exigiu a fusão dos dois partidos sob as perspectivas da Terceira Internacional, o que veio a ocorrer em 1922 com a fundação do *Workers Party of America*, capaz de atrair outros grupos comunistas menores. O nome permaneceu até 1929, quando foi alterado para *Communist Party of USA* (CPUSA).

Ainda em 1919, no mês de setembro, é fundada pelo jornalista Cyrill Briggs a *African Blood Brotherhood* (ABB), em Nova York, no contexto do “*Red Summer*”, de 1919. A ABB, aglutinada essencialmente em torno dos imigrantes caribenhos de NY, nasce a partir da conversão gradual de Briggs ao marxismo entre 1919 e 1920, tendo como porta-voz o jornal *The Crusader*. Uma vez convertido ao marxismo, Briggs se aproxima de Otto Huiswoud e Claude McKay e se filia ao CPUSA em 1921.

Esse breve histórico serve para rememorar as principais organizações que coordenariam ações em torno da construção de um movimento transnacional pela emancipação negra ao longo das décadas de 1920 e 1930 nos EUA, especialmente aquele de matriz comunista. Claro, é preciso reafirmar: “coordenação” que não se daria em um movimento linear e simétrico, sem conflitos internos, debates, rugas pessoais etc.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> A historiografia que tratou dessas múltiplas organizações e suas intersecções é extremamente vasta. Ver, por exemplo, Adi, Hakim, “The Negro Question: the Communist International and Black Liberation in the Interwar Years,” in: West, Michael O., Martin, William G. and Wilkins, Fanon Che (eds.), *From Toussaint to Tupac. The Black International since the Age of Revolution* (Chapel Hill, University of North Carolina Press, 2009), 155–178; Desfosses Cohn, Helen, *Soviet Policy Toward Black Africa: the Focus on National Integration* (New York, Praeger, 1972; Hargreaves, John D., “The Comintern and Anti-Colonialism: New Research Opportunities,” *African Affairs* 92 (1993), 255–261.



Uma das figuras que melhor representa a intersecção entre essas organizações é o jornalista Otto Huiswoud. Otto Eduard Majella Huiswood (1893-1961), nascido na Guiana Holandesa, atual Suriname, se destaca na cena política dos EUA no contexto do pós-Primeira Guerra Mundial. Huiswood já estava nos EUA desde o início da década de 1910, vivendo como imigrante ilegal, quando ele se juntou a à *Afrinca Blood Brotherhood* (ABB), e é considerado o primeiro negro a se juntar ao então *Communist Party of United States* (CPUSA), quando de sua fundação em 1919.

Entre o final da década de 1920 e a metade da década seguinte, Huiswood trabalhou junto juntamente a George Padmore, a à frente da editoria da revista radical *The Negro Worker*, editada entre 1928 e 1937, sediada em Hamburgo, Alemanha, e banida da maioria das colônias caribenhas. O trabalho com Padmore seguiria até sua prisão na Alemanha e deportação para a Inglaterra. No mesmo período, Huiswood, foi delegado da Internacional Comunista, e sendo representou a principal ponte de contatos entre Moscou e o CPUSA. Mais à frente, Huiswood emigra para a Holanda, onde passa a editar a revista *De Koerier (The Messenger)*, voltada para os imigrantes surinameses ao longo da década de 1950.



Figura 12: Otto Huiswoud (esquerda) e Claude McKay (direita) em Moscou, 1922, durante participação no 4º Congresso da Internacional Comunista.

Em muitos sentidos, Huiswoud é figura-chave para compreender a conexão entre o movimento negro nos EUA com a Internacional Comunista e sua rede global, tendo atuado atuando quase sempre como mediador dos debates entre o CPUSA e o *Comintern* em relação à “questão negra”.

De fato, Huiswoud cumpriria um papel até mais complexo para a interligação dos movimentos da diáspora dentro dos EUA com as organizações Pan-africanas comunistas do que os próprios McKay (que chegou aos EUA em 1912, mas nunca foi oficialmente filiado ao CPUSA, partindo para Londres, em 1919 e para Moscou em 1922 para participar do IV Congresso da Internacional Comunista) e Padmore (que chegou aos EUA em 1924 e se filiou ao CPUSA em 1927, e tendo sido figura central na coordenação do movimento Pan-africano de base comunista e nos movimentos pan-africanos em Londres)<sup>22</sup>

Como se estabelece o debate sobre a “questão negra” em meio ao movimento Comunista internacional e a construção do movimento Pan-africano de base comunista? Novamente, um rápido breve histórico pode nos ajudar a responder a essa pergunta. Em 1920, ocorre o Segundo Congresso da Internacional Comunista, quando Lenin apresentou suas “Teses sobre a questão nacional e colonial” e usou a situação dos afrodescendentes nos EUA como símbolo das minorias subjugadas no mundo (LÊNIN, 1980). Já em 1922 ocorre o Quarto Congresso da Internacional Comunista. Otto Huiswoud e Claude McKay participam como delegados (Huiswoud financiado pelo CPUSA e McKay pela NAACP) e apresentam a “questão negra” como um problema internacional. Huiswoud foi escolhido como o presidente da Comissão Negra no IV Congresso, em 1922, responsável então por analisar a “questão negra”. Os debates resultaram nas “*Thesis of the Negro Question*” e em quatro resoluções, apresentadas por Huiswoud ao público. Nas teses, Huiswoud afirmava: que

(...) the history of the Negro in America fits him for an important role in the liberation struggle of the entire African race”, and concluded: “. . . Subjectively as well as objectively, the Negro problem has become an important question of the world revolution, and, that the Comintern, already understanding how important it can be for the proletarian Revolution to

<sup>22</sup> Sobre George Padmore e o movimento Pan-africanista em Londres, ver, por exemplo, JAMES, Leslie. *George Padmore and Decolonization from Below Pan-Africanism, the Cold War, and the End of Empire*. London: Palgrave Macmillan, 2015.





support the coloured Asian people in semi-colonial countries, has also acknowledged the necessity of the participation of our exploited black fellow men for the Revolution of the proletarian masses and the destruction of capitalist power. (*Protokoll des IV Kongresses*, p.697, Apud VAN ENCKVORT, *op.cit.*, p.2 )

Em 1925, é fundada a *American Labor Negro Congress* (ALNC), criada para equalizar as desavenças entre os membros negros do CPUSA (a maioria deles membros também membros da ABB) com a liderança do partido. Naquele momento, havia um debate interno sobre a necessidade da defesa da “questão negra” entre as bandeiras fundamentais para os comunistas nos EUA, o que provocava certa reação de alguns membros brancos e da própria liderança do CPUSA por questões culturais, incluindo certo racismo.

Já em 1928, ocorre o Sexto Congresso da Internacional Comunista, onde no qual as “*Black Belt Thesis*” são definidas pelo *Comintern* como tática de enfrentamento coletivo dos comunistas nos EUA para a “questão negra”, dividindo opiniões entre os membros negros do CPUSA (HAYWOOD, 1933. Apud APTHEKER, 2009). Segundo essa tese, os negros estadunidenses compunham uma nação sem Estado, e por isso deveriam ter direito à autodeterminação na região conhecida como o “*Black belt*”, (que corresponde à parte central do estado do Alabama e ao nordeste do estado do Mississippi, que no século XIX desenvolveu as grandes plantações de algodão e concentrou grande parte da mão-de-obra escrava negra do período). As “*Teses do Black Belt*” não foram aceitas pelos intelectuais em torno do CPUSA, que, após 1928, passaram a defender a luta contra o racismo e a favor dos direitos civis dos afrodescendentes como caminho para superar a segregação (TOMEK, 2012). Além de confrontar diferentes perspectivas teóricas em meio a intersecção entre comunistas e o movimento negro nos EUA no final da década de 1920, a importância dos debates acerca das “*Teses do Black belt*”, além de confrontar diferentes perspectivas teóricas em meio a intersecção entre comunistas e o movimento negro nos EUA no final da década de 1920, estendeu seus efeitos longevos. Para uma parte da historiografia, inclusive, o debate sobre as “*Teses do Black Belt*” deve ser visto como fundamental na formação dos Movimentos dos



Direitos Civis nos EUA, na década de 1960.<sup>23</sup>

No dia 10 de dezembro de 1928, ocorre a fundação do “*Negro Bureau*” pelo *Profintern* para organizar os trabalhos e estudos em torno da “questão negra” internacional, que teria como primeiro presidente seria George Padmore. É importante lembrar que até o final da década de 1920, todo o trabalho em torno dos debates sobre a “questão negra” era disperso entre os secretariados regionais, coordenados, em sua maioria, pelas seções Anglo-Americana e Oriental do *Profintern*.

Em julho de 1930, acontece a *International Conference of Negro Workers*, na cidade de Hamburgo, Alemanha, que se tornou um dos principais centros de intersecção internacional do movimento pan-africanista/comunista, tendo incluindo figuras como o alemão comunista Willi Munzenberg, papel personagem-chave na costura dessas redes (PETERSSON, 2014). No âmbito da Conferência, foi criada a *Trade Union Committee of Negro Workers* (ITUC-NW), a primeira grande organização internacional comunista criada estabelecida para coordenar e estabelecer redes de comunicações entre os movimentos da diáspora nos EUA, Europa, África e Caribe até a metade daquela década. A ITUC-NW financiava a publicação do jornal *The Negro Worker*, cuja versão em inglês foi publicada entre 1931-1937.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> O debate sobre as “Teses do *Black Belt*” nos EUA também teve repercussão transnacional, haja vista a importância da “Questão negra” naquele contexto para o debate geral sobre a opressão dos povos colonizados entre as duas guerras mundiais. A favor da *Tese* proposta pelos comunistas, por exemplo, estava Harry Haywood, que em 1933 publicara artigo favorável a à *Tese* nos EUA, e tendo voltado voltaria a defendê-la, no final da década de 1940, no livro, em sua obra “*Negro Liberation*”. Por outro lado, crítico crítico a da *Tese*, estava George Padmore, que defendeu que a liberação negra só poderia ser alcançada, simultaneamente, com a vitória da revolução socialista ao redor do globo, o que, algo que obviamente, contrariava a perspectiva stalinista do “socialismo em um só país”, ou mesmo de respostas **nacionais aos embates** com o capitalismo, como no caso das *Teses*. (WILLIAMS, 2019). Entre os historiadores que defendem a perspectiva de que os Movimentos pelos Direitos Civis da década de 1960 nos EUA nasceram dos debates dentro do *Popular Front* local na década de 1930 está Michael Denning, em seu, *The Cultural Front: the laboring of American Culture in the Twentieth Century*. Verso: New York, 1997. Mais especificamente, Denning defende uma reelaboração da cronologia do *Popular Front* local: ao invés de se encerrar em meados da Segunda Guerra Mundial (por exemplo, com a assinatura do Pacto Ribbentrov-Molotov, que racha a frente única antifascista, em 1939), sua “*structure of feelings*” – conceito que Denning empresta de Raymond Williams – se estenderia até a década de 1960, dando assim sentido aos debates reelaborados pelo Movimento de Direitos Civis.

<sup>24</sup> Originalmente intitulada *The International Negro Workers*, a revista foi rebatizada *The Negro Worker* em março de 1931. Inicialmente editada por James W. Ford, a revista passa a ser editada por George Padmore ainda na década de 1930. A *The Negro Worker* representa um dos melhores símbolos das intersecções transnacionais entre intelectuais ligados, simultaneamente, pelos movimentos Pan-Africanista e comunista no Caribe, na Europa, na África e nos EUA. Sobre as extensões dos trabalhos da revista como porta-voz oficial da ITCUNW, ver CAMPBELL, Susan. “The Negro Worker: a Comintern



## O engajamento do movimento negro nos EUA no combate internacional ao fascismo

A partir da metade da década de 1930, as agências ligadas ao *Negro Bureau* começam a se enfraquecer diante daquilo que viria a ser definido pelo VII Congresso como a “tática frentista”, quando todos os esforços deveriam se voltar para o combate internacional do Fascismo. Em artigo publicado no último número da revista *The Negro Worker* (setembro-outubro de 1937), Huiswoud sugeriu inclusive a criação de uma nova organização negra para aderir à tática frentista, a qual nunca saiu do papel. Contudo, arquivos franceses indicam que Huiswoud permanecera ativo na *Union des Travailleurs Nègres* (UTN) até deixar Paris rumo aos EUA na segunda metade de 1938 (VAN ENCKVORT, 2006, p.6).

Durante tal período, as ligações entre Huiswoud e Padmore não cessaram. Enquanto Padmore trabalhava na Inglaterra juntamente à *International African Friends of Ethiopia* (IAFE), e depois à *International Africa Service Bureau* (IASB), Huiswoud fazia o mesmo em Paris, com a ITUC-NW e a UTN. Em um de seus últimos relatórios para o Profintern, Huiswoud notou uma mudança na percepção internacional em relação às colônias:

While we must recognize the fact that in most of the colonies strike struggles are fast increasing and steady progress is being made in trade union organization, especially in South Africa and the West Indies, nevertheless the major development in organization among the Native people today is on a much wider basis - the struggle for elementary democratic rights - political rights, the rights of free press, speech and organization, against specific colonial laws and economic exploitation. The demand for the activity to gain self-government is gaining ground among the Natives of the larger and most important West Indian colonies. [...] To this must be added that the Italian fascist war on Abyssinia, has profoundly affected large strata of the Negro people everywhere imbuing them with a certain political consciousness as to the necessity of struggle for liberation from imperialist domination.[...] We consider that our present major task is to further stimulate and give aid in the development of the National Liberation movement organizations in the colonies and to propagate and help bring about united front actions and the unity of these organizations.” (Profintern Fund 534, Inv. 3, file # 1103, date: January 1937, total of eight pages. Apud VAN ENCKVORT, *op.cit.*, p.6.

---

publication of 1928-1937, an Introduction.” Disponível em:  
<https://www.marxists.org/history/international/comintern/negro-worker/index.htm>



Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, Nº 27, p. 144-184, Ago./, Dez., 2019.  
<http://revista.anphlac.org.br>

Tradução da autora)

Observamos aqui a mudança de perspectiva em relação à política comunista sobre a situação das colônias no Caribe e na África, em muito influenciada pelo contexto internacional de combate ao Fascismo. A segunda invasão italiana da Abissínia, em 1936, não apenas acentuou a visão sobre as condições de exploração capitalista das colônias pelas potências capitalistas, mas mostrou ainda como o fascismo internacional representava uma nova etapa do Imperialismo capitalista. Ficaria clara para esses grupos pan-africanos ligados aos comunistas a necessidade de conectar, fomentar e organizar os movimentos de liberação nacional nas colônias, como defende Huiswoud, também como maneira de criar uma frente unida anti-imperialista, anticapitalista e, a partir de então, antifascista.

Alimentado simultaneamente pela perspectiva internacionalista angariada do projeto Pan-africano e a adoção da tática frentista, aquele movimento negro dos EUA ligado ao CPUSA assume de vez o anti-imperialismo e o antifascismo como bandeiras fundamentais da luta por autodeterminação dos afrodescendentes dentro das fronteiras nacionais dos EUA.

Nesse sentido, há um apoio quase que massivo de várias organizações do movimento negro local à solidariedade internacional antifascista quando do início da Guerra Civil espanhola, em julho de 1936. Com a formação da *Abraham Lincoln Brigades* pelo CPUSA, envolvendo um número aproximado de 2500 voluntários, 90 afro-estadunidenses rumam à Espanha a fim de integrarem as Brigadas Internacionais. Entre eles, Oliver Law, então com o posto de Capitão, considerado o primeiro afro-estadunidense a comandar um batalhão predominantemente branco na história dos EUA.<sup>25</sup> A experiência de Lincoln Brigades foi a primeira a colocar negros e brancos para lutar lado a lado em uma unidade militar na história dos EUA. Ainda no advento da Segunda Guerra Mundial, os batalhões continuavam segregados a partir de unidades exclusivas para os soldados negros.

---

<sup>25</sup> Sobre a importância da luta antifascista para o alargamento dos debates do movimento negro nos EUA e o engajamento de entidades ligadas a ele na Guerra Civil espanhola (1936-1939), ver “African Americans in the Spanish Civil War”. Abraham Lincoln Brigades Archives. Disponível em: <http://www.alba-valb.org/resources/lessons/african-americans-in-the-spanish-civil-war/before-spain>



## Considerações finais

O esforço deste artigo foi de demonstrar o processo que indetifico como transnacionalização dos debates do movimento Negro nos EUA. Processo este que se desenrola a partir do fim da Primeira Guerra Mundial até o engajamento massivo de intelectuais negros e associações negras locais na luta antifascista, definida como política internacional pelo *Comintern* pela tática frentista, em 1935. Abrange ainda o posterior engajamento desses intelectuais e organizações políticas locais na defesa da soberania da Etiópia, então invadida pela Itália fascista entre 1934 e 1935, bem como na defesa da Segunda República espanhola, a partir de 1936.

O empenho deste artigo se deu por vezes em estabelecer um estreito diálogo com a historiografia que trata de tais movimentos e intelectuais, frequentemente os instrumentalizando (como no caso de Otto Huiswood, figura-chave para entender a inteseccção entre o movimentos pan-africano e comunista internacional dentro dos EUA). Tal processo, apesar de não ser contínuo ou sincrônico, pode ser analisado ao destacarmos etapas fundamentais à formatação da ordem global entre as duas guerras mundiais.

Essencialmente, dediquei-me a destacar que aquilo que chamo de um processo de transnacionalização dos debates do movimento negros nos EUA se deu em um processo de intersecção com os debates internacionais anti-coloniais, que foi assumindo diacronicamente diferentes perspectivas ao longo do período entre as duas guerras mundiais.

Contudo, a historiografia que instrumentalizei já definira cronologicamente que tais debates foram inicialmente levados ao contexto estadunidense a partir do retorno dos combatentes dos campos de batalha europeus, após 1918, e da explosão de conflitos raciais no país, como aqueles na cidade de Chicago, no verão de 1919, largamente cobertos pela imprensa negra à época. Essa cobertura deve ainda ser considerada como importante fonte histórica para reconstruir o ambiente de tensões raciais, sociais e econômicas de um país em mutação a partir do fim da Primeira Guerra Mundial.

Outra etapa decisiva foi a repercussão do Congresso Pan-Africano de Paris de





1919 nos EUA, especialmente pelo papel desempenhado por W.E.B. Du Bois e a NAACP em sua organização, já que ambos representavam uma das vertentes mais importantes na crítica ao racismo estrutural da sociedade estadunidense naquele período. A reorganização do Movimento Pan-Africano incluía em seus destaques justamente lideranças negras estadunidenses. Isso beneficiou que se emergissem os debates sobre o racismo e a segregação da população afrodescendente dentro das fronteiras nacionais dos EUA, que se expandiria a um debate transnacional acerca dos efeitos da opressão colonial e do imperialismo globalmente, subjugando outros povos, especialmente na África e na Ásia, a uma ordem tão racista e repressora quanto àquela vivida pela população afrodescendente nos EUA.

Os efeitos desse debate, agora com contornos transnacionais, seriam decisivos à própria formatação da imagem do “Novo Negro” – aquele intelectualmente capaz de confrontar a opressão e o racismo – que emergiria em meio à expansão global da cultura negra a partir da década de 1920. Daquela geração que ascende no cenário público estadunidense durante os anos da Renascença do Harlem, muitos intelectuais negros, incluindo imigrantes de origem caribenha, constroem pontes e se tornam mediadores em um processo de intersecção entre os debates locais e o movimento Comunista internacional, que assumira a “questão negra” como fundamental para o fim do Imperialismo internacional, já no início daquela década. Com a fundação de diversas entidades de atuação transnacional, os comunistas passam a cooptar esses homens e mulheres, originalmente congregados em torno das organizações pan-africanas nas Américas, no Caribe, na Europa e na África, em torno de uma bandeira comum: de superação da ordem colonial, mas também do modo de produção capitalista.

A partir das intersecções entre o movimento Pan-africano e o movimento comunista internacional no final da década de 1920, a superação do modo de produção capitalista passa a ser entendida por diversos intelectuais negros, incluindo dentro do movimento negro nos EUA, como decisiva para o fim do colonialismo. Tal perspectiva se acentuará a partir da metade da década de 1930, com a ascensão internacional do fascismo, entendido então como outra etapa do imperialismo e do capitalismo global, configurando assim uma necessidade tão forte de combate quanto a própria segregação dentro dos EUA.



## Referências Bibliográficas

ADI, Hakim, “The Negro Question: the Communist International and Black Liberation in the Interwar Years,” in: West, Michael O., Martin, William G. and Wilkins, Fanon Che (eds.), *From Toussaint to Tupac. The Black International since the Age of Revolution* (Chapel Hill, University of North Carolina Press, 2009), 155–178.

ADI, Hakim. *Pan-Africanism and Communism: The Communist International, Africa and Diaspora, 1919-1939*. London: Africa World Press, 2013.

ADI, Hakim. *Pan-Africanism: a History*. London: Bloomsbury, 2018.

“African Americans in the Spanish Civil War”. Abraham Lincoln Brigades Archives. Disponível em: <http://www.alba-valb.org/resources/lessons/african-americans-in-the-spanish-civil-war/before-spain>

Berland, Oscar, “The Emergence of the Communist Perspective on the ‘Negro Question’ in America: 1919-1931. Part One,” *Science & Society* 63 (1999–2000), 411–432;

BERLAND, Oscar, “The Emergence of the Communist Perspective on the ‘Negro Question’ in America: 1919-1931. Part Two,” *Science & Society* 64 (2000), 194–217.

CAMPBELL, Susan. “The Negro Worker: a Comintern publication of 1928-1937, an Introduction.” Disponível em: <https://www.marxists.org/history/international/comintern/negro-worker/index.htm>

CONTEE, Clarence G. “Du Bois, the NAACP, and the Pan-African Congress of 1919”. *The Journal of Negro History*, v.57, n.1, January 1972, pp.13-28. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2717070>.

DeWITT, Philippe, *Les mouvements nègres en France 1919-1939* (Paris, L'Harmattan, 1985)

DENNING, Michael. *The Cultural Front*. New York, 1997.

DUNSTAN, Sarah C. “Conflict of Interest: The 1919 Pan-African Congress and the Wilsonian Moment.” *Callaloo*, V.39, n.1, winter 2016, pp.133-150. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/cal.2016.0017>

ESCHEN, Penny M. Von. *Black Americans and Anticolonialism, 1937-1957*. Miami: Cornell University Press, 1997.

FRANCISCO, Flavio T.R. “Por uma cidadania de Primeira classe: supremacia racial e o debate sobre a integração na imprensa afro-americana na Primeira Guerra Mundial



(1917-1919)". *Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. Ano IX, n. XVIII, dezembro de 2016. 67-85.

GEBREKIDAN, Fikru. "In Defense of Ethiopia. A comparative Assessment of Caribbean and African American Anti-fascist Protests, 1935-1941." *Northeast African Studies*, new series. Vol.2, n.1, 1995, pp.145-173. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41931196>

GEISS, Immanuel, *The Pan-African Movement: A History of Pan-Africanism in America, Europe and Africa* (New York, Africana Publishing, 1974).

HAYNES, Robert V., *A Night of Violence: The Houston Riot of 1917*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1976

HAYWOOD, Harry, *Black Bolshevik. Autobiography of an Afro-American Communist* (Chicago, Liberator Press, 1978).

HAYWOOD, Harry. "The Struggle for the Leninist Position on the Negro Question in the United States". *The Communist*, September 1933. Herbert Aptheker, ed. *Marxista Internet Archive* (2009). Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/haywood/1933/09/x01.htm>

HAYWOOD, Harry. *Negro Liberation*. New York: International Publishers, 1948. Disponível em pdf em: <https://www.marxists.org/history/erol/1956-1960/haywood-negro.pdf>

HUISWOUD, Otto, "World Aspects of the Negro Question," *The Communist* (February 1930), 132–147

HOBSBAWN, Eric. *História Social do Jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HOLDER, Angela. "The 1917 Houston riots/Camp Logan Mutiny". s/d Disponível em: <https://www.pvamu.edu/tiphc/research-projects/the-1917-houston-riotscamp-logan-mutiny/>

JAMES, Leslie. *George Padmore and Decolonization from Below Pan-Africanism, the Cold War, and the End of Empire*. London: Palgrave Macmillan, 2015.

JAMES, Leslie. "Locating Black radical Thought." *Anthurium: A Caribbean Studies Journal*. Vol.31, Iss.1, 2016. Article 3. Disponível em: <http://scholarlyrepository.miami.edu/anthurium/vol13/iss1/3>

KAPLAN, Carla. *Miss Anne in Harlem: The White Women of the Black Renaissance*. New York: Harper, 2013.

KELLEY, Robin D. G. *Freedom dreams: the Black radical imagination*. Boston:



Beacon Press, 2002.

KRUGLER, David. F. *1919, The Year of Racial Violence: how African americans fought back*. New Yor: Cambridge University Press, 2015.

LENIN, V. I. “Teses para o segundo Congresso da Internacional Comunista”. In *Obras Escolhidas*. São Paulo: Editora Alfa-ômega, 1980. Vol.3, pp.351-357

“Lynching in America: targeting Black veterans” e seus relatórios podem ser consultados online aqui: Link: <https://eji.org/reports/lynching-in-america-targeting-black-veterans#.We03gJkydAc.facebook>

MAKALANI, Minkah. *In the Cause of Freedom: Radical Black Internationalism from Harlem to London, 1917-1939*. Chapel Hill: University of Norht Caroline Press, 2011.

MATERA, Marc. *Black London: The Imperial Metropolis and the Decolonization in the Twentieth Century*. California: University of California Press, 2015

PETERSSON, Fredrik. *Willi Munzenberg, the League Against Imperialism, and the Comintern, 1925-1933*. London: Edwin Mellen Press, 2014.

ROBINSON, Credric J. *Black Marxism: the Making of the Black Radical Tradition*. North Carolina: North Caroline Press, 2000.

TOMEK, Beverly. “The Communist International and the Dilemma of the American “Negro Problem”: Limitations of the Black Belt Sefl-determination Thesis.” *WorkingUSA: The Journal of Labor and society*. Vol.15, December 2012, pp.549-576.

TURNER, Joyce Moore, *Caribbean Crusaders and the Harlem Renaissance* (Urbana/Chicago, University of Illinois Press, 2005).

VON ENCKEVORT, Maria. “Otto Huiswoud: Political Praxis and Anti-Imperialism.” *St. Martin Studies* (2006.1-2). Disponível em: [http://consultants2006.tripod.com/st\\_martin\\_studies\\_2006.1-2.htm#\\_Toc155903776](http://consultants2006.tripod.com/st_martin_studies_2006.1-2.htm#_Toc155903776)

WEISS, Holger, “The Road to Hamburg and Beyond: African American Agency and the Making of a Radical African Atlantic, 1922-1930. Part Three,” *CoWoPa: Comintern Working Paper* 18 (2009) Accessed 15 March 2012 at <https://www.abo.fi/student/media/7957/cowopa18weiss.pdf>. [Google Scholar](#).

WEISS, Holger, “The Hamburg Committee, Moscow and the Making of a Radical African Atlantic, 1930-1933, Part One: The RILU and the ITUCNW,” *CoWoPa: Comintern Working Paper* 19 (2010) Accessed 15 March 2012 at <https://www.abo.fi/student/media/7957/cowopa19weiss.pdf>. [Google Scholar](#)

WEISS, Holger, “The Radical African Atlantic, 1930-1933: Writing Class, Thinking



Race,” *CoWoPa: Comintern Working Paper* 23(2011) accessed 15 March 2012 at <https://www.abo.fi/student/media/7957/cowopa23weiss.pdf>. [Google Scholar](#)

WILLIAMS, Theo. Williams, T. “George Padmore and the Soviet Model of the British Commonwealth”. *Modern Intellectual History*, 16(2), 531-539, 2019. <https://doi.org/10.1017/S1479244317000634>

YOUNG, Lowell (introd.) *The 1928 and 1930 Comintern Resolutions on the Black National Question in the United States* (Washington DC, Revolutionary Review Press, 1975) accessed 15 March 2012 at [www.marx2mao.com/Other/CR75.html](http://www.marx2mao.com/Other/CR75.html). [Google Scholar](#)

